

Entrevista com Jean-Pierre Lebrun

1.

O sentido do corpo não existe, ousaria dizer, assim como o sentido da vida. Só há o sentido que eu lhe dou. Tal é o quinhão da modernidade e, consequentemente, do contemporâneo, ou seja, de que não há nenhum sentido predeterminado em nossa existência, mas que é essa ausência de sentido que permite a cada um de inscrever nela seu sentido singular.

2.

O corpo não é o organismo. Este último só se torna corpo ao habitar e ao ser habitado pela linguagem. O corpo, de ser tomado pela linguagem, subverte a biologia do organismo. A clínica psicanalítica não é, aliás, outra coisa do que os efeitos desta subversão do organismo pelo significante.

O limite do corpo frente ao progresso da ciência está ligado à impossibilidade e não é da ordem de uma impotência. A confusão entre a impotência e a impossibilidade é uma confusão radical hoje em medicina, produzida e veiculada pelo discurso da ciência. O doente torna-se somente portador de uma doença. Enquanto que o médico torna-se um agente da medicina, um gestor do conhecimento médico, se ele consente este domínio pela ciência, enquanto o doente se tornaria somente portador de uma doença, e este fato o levaria a uma pura e simples reivindicação, a uma exigência de cura, de acordo, neste caso, com a definição da Organização Mundial de Saúde, que fala da saúde como um estado de completo “bem-estar”! É uma definição *sujeiticida*. Pois, a completude não é de nosso mundo !

Tradução de João Fernando Chapadeiro Corrêa

[Cad. Psicanal., CPRJ, Rio de Janeiro, ano 26, n.17, p.21-22, 2004]

Então, querer que a saúde seja um completo bem-estar, é uma definição que visa a morte do sujeito, nós devemos sabê-lo. O direito à saúde, é uma outra inépcia! O direito aos cuidados, sim... mas o direito à saúde, quem somos nós, médicos, para pensar que poderíamos dar saúde? As curas, está bem, mas não a saúde. O tempo todo, aparecem as confusões, os esquerdismos tributários desta evolução do discurso da ciência. Mas, evidentemente ao mesmo tempo, o sujeito não sabe mais distinguir em sua busca – o sujeito paciente – o que se trata de um mal inerente ao desejo humano e, portanto, irredutível, e o que se trata de um mal, que é legítimo que ele queira se livrar dele.

3.

Com o maior rigor possível! O corpo é certamente um dos que “não é suficientemente pensado” na psicanálise contemporânea. Na medida em que se trata sempre de partir das palavras do corpo para reunir o corpo das palavras.

Jean-Pierre Lebrun

Psicanalista, antigo presidente da Association Freudienne Internationale
Autor, entre outras obras, de *Um mundo sem limite* (Companhia de Freud Ed.)

Setembro de 2004